

## **Oficinas de animação do Cine SESI: uma experiência de produção de filmes *stop motion* em cidades do interior do Brasil<sup>1</sup>**

Marcos BUCCINI<sup>2</sup>

Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, PE

### **Resumo**

Iniciadas em 2009, as oficinas de animação oferecidas pelo Cine SESI já visitaram dezenas de cidades do interior do Brasil. Em cada uma das oficinas, um filme utilizando a técnica do *stop motion* é produzido. Já são cerca de 87 filmes. Este artigo é uma primeira abordagem sobre o tema e visa contar a história do início do projeto, como os instrutores se envolveram nele, as principais dificuldades e a evolução técnica e conceitual das oficinas. Por fim, abordamos, de maneira superficial, alguns assuntos, como a evolução da metodologia adotada, a questão da formação de novos animadores, o experimentalismo das técnicas usadas, o contexto cultural em que cada filme surge e a importância de projetos como este para a filmografia animada dos estados. Esperamos, em textos futuros, aprofundar mais esta pesquisa, abordando de forma mais completa e conclusiva assuntos acerca do Cine SESI.

### **Palavras-chave**

Animação pernambucana; oficinas de animação; Cine SESI; cinema de animação; stop motion.

### **Introdução**

O Cine SESI visa levar cinema com projeções de alta qualidade de som e imagem às cidades do interior do Brasil que não possuem salas de cinema. Entre as atividades do projeto, existe uma oficina de animação em *stop motion* que é realizada nos locais onde haverá exhibições. As oficinas acontecem desde 2009 e, desde então, quase cem oficinas foram oferecidas e mais de 87 filmes foram produzidos pelos alunos. Este número é impressionante, pois, em menos de nove anos as oficinas do Cine SESI produziram mais filmes de animação do que muitos estados do país. A qualidade dos filmes também impressiona, dadas as condições de realização. Uma metodologia foi desenvolvida para se obter um resultado de excelência em pouco tempo e com pouco recurso.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação pela UFPE, e-mail: marcosbuccini@gmail.com.

Este é um texto introdutório que visa contar a história do início do projeto, como os instrutores se envolveram nele, as principais dificuldades e a evolução das oficinas. Por fim, abordamos, de maneira superficial, alguns assuntos, como o próprio método, a questão da formação de novos animadores, o experimentalismo das técnicas usadas, o contexto cultural em que cada filme surge, a importância de projetos como este para o sustento de animadores em estados com uma produção baixa, etc. A nossa intenção é publicar novos artigos mais aprofundados sobre estes temas, inclusive uma análise dos principais filmes e do processo de criação e produção dos mesmos.

O texto a seguir teve origem a partir de uma parte de minha tese, Trajetória do cinema de animação de Pernambuco, defendida em junho de 2016. As informações que trago são em maior parte oriundas de entrevistas presenciais com os instrutores das oficinas.

### **O Cine SESI Cultural**

O Serviço Social da Indústria - SESI, criado em 1946, é uma instituição que promove a qualidade de vida dos trabalhadores e de seus dependentes, através de ações que englobam educação, saúde e lazer (PORTAL DA INDÚSTRIA, 2015). Em Pernambuco, o SESI atua em parceria com a Aliança Comunicação em diversos eventos, entre eles o FITO<sup>3</sup>, o SESI Bonecos<sup>4</sup> e o Cine SESI.

Muitos filmes brasileiros têm suas narrativas inspiradas ou localizadas no interior dos estados. Porém, na maioria das vezes, os moradores desses locais dificilmente tem acesso a estes filmes, especialmente com exibição em tela grande e com um bom sistema de som. Pensando nisso, em 2002, surgiu o Cine SESI, uma iniciativa criada pela publicitária Lina Rosa, dona da Aliança Comunicação, que objetiva levar projeções de filmes para cidades do interior do Brasil que não tenham uma sala de cinema. Grande parte das pessoas atendidas pelo Cine SESI tem a oportunidade de ver um filme no formato de cinema pela primeira vez. Em quinze anos o projeto atendeu 4 milhões e 700

---

<sup>3</sup> “O Festival Internacional de Teatro de Objetos, Fito, é um teatro [...] que dá vida a objetos, transformando itens comuns no dia a dia das pessoas em figuras e elementos totalmente inesperados” (SESI, 2017a).

<sup>4</sup> “O Festival Sesi Bonecos do Mundo [...] dissemina, através de bonecos, a riqueza cultural presente nas diversas regiões do Brasil, além da cultura de outros países. [...] O projeto nasceu em 2004 e já percorreu todas as 27 unidades federativas do Brasil” (SESI, 2017b).

mil espectadores em 665 cidades de 12 estados do país<sup>5</sup> (CINE SESI CULTURAL, 2015a).

A partir da ideia de que os cidadãos das cidades precisavam se ver também na tela grande, em 2009, a Aliança propôs oferecer oficinas de animação que criassem filmes curtos. Os alunos deveriam fazer toda a parte de criação, planejamento e produção e estas curtas seriam projetadas junto com os longos e os demais curtas-metragens nas noites de exibição. A técnica escolhida foi o *stop motion* e suas diversas variações (CINE SESI CULTURAL, 2015b).

### **O início das oficinas do Cine SESI**

No início do ano de 2009, Lina Rosa procurou o animador Muca, que já havia feito diversos projetos de animação *stop motion* para VTs publicitários em Pernambuco. Porém, Muca rejeitou a proposta de coordenar o projeto. Foi então que a Aliança procurou a faculdade AESO, que tinha acabado de lançar seu curso de Cinema de Animação e estava com bastante destaque na mídia. Lina Rosa então entrou em contato com Fernando Weller, que era, na época, coordenador do curso. Weller levou a proposta para a direção da faculdade, porém não houve interesse por parte da diretora de participar do projeto. Weller então mostrou o projeto a Maurício Nunes, que na época era professor da instituição. Nunes interessou-se bastante pelo projeto, pois garantiria para ele, e os demais participantes, uma outra fonte de renda. “O Cine SESI foi para a AESO. A AESO não pegou e o Weller disse: ‘eu deixo isso aqui na sua mão e você se resolve’. Fui para reunião com Lina Rosa, armado até os dentes, para conseguir a ‘onda’. Eu tinha de conseguir esse projeto. Conseguimos.” (MAURÍCIO NUNES, em entrevista concedida ao autor, Recife, 22/04/2015).

A proposta era ministrar 14 a 16 oficinas de animação por ano nas cidades em que o evento iria acontecer. Maurício sabia que não daria conta de ministrar tantas oficinas sozinho. Na época, ele participava de um grupo de estudos em *stop motion* chamado Notstopmotion e teve a ideia convidar os amigos do grupo para se juntar a ele na empreitada. “Levei a galera que era do grupo de estudo [...] para o projeto. A primeira equipe inicial foi eu, Raoni Assis, Paulo Fialho, Renata Claus, Nara [Normande] e

<sup>5</sup> Números retirados do site do projeto em outubro de 2015.

Diego [Mascaro], seis pessoas [...].” (MAURÍCIO NUNES, em entrevista concedida ao autor, Recife, 22/04/2015).

Renata Claus também comenta como foi a formação da equipe:

Maurício foi chamado para fazer e não queria fazer sozinho. [...] O primeiro acho que foi com ele e Diego [Mascaro] e depois ele abriu para o grupo todo. ‘Olha aí galera, trabalho para a gente, e a gente fica se revezando’. Acho que Maurício não queria ficar só nisso (RENATA CLAUS, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/09/2015).

Ficou decidido então que seria sempre uma dupla de professores que ficariam se revezando. A ideia é que todos ganhassem e também pudessem dar continuidade a outros projetos e não ficar exclusivamente com o Cine SESI. Além disso, com mais pessoas a troca de experiências e as discussões seriam mais ricas. Depois de algum tempo o grupo ficou reduzido a quatro pessoas. “Raoni foi se desligando do grupo por conta das coisas da ‘Casa do Cachorro Preto’<sup>6</sup> e tal, até sair. Diego teve uns problemas de saúde, mas nunca foi uma saída oficial” (RENATA CLAUS, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/09/2015).

Na verdade este grupo nunca foi 100% fechado, existia um núcleo que eram os seis iniciais e que eventualmente se tornaram quatro, mas eventualmente outras pessoas também participavam como ministrantes das oficinas. Entre as pessoas que já fizeram parte das oficinas do Cine SESI estão: Kairê Montenegro, Mariama Freitas, Clarissa Saraiva, Clarissa Machado, Manuela Andrade, Bruno Cábus e Ianah Maia.

### **Qualidade dos filmes x aprendizado**

No início, nenhum dos participantes tinha experiências prévias em ministrar oficinas de animação e a prática com a técnica de *stop motion* se resumia a pequenas experiências e os encontros do grupo de estudo do Notstopmotion.

No começo eram oficinas bem precárias, tipo a que eu fiz com Daniela Brilhante<sup>7</sup>. [...] A gente não sacava muito não, quando começou a fazer as oficinas do Cine SESI. A gente passava o que a gente sabia, mas era muito uma

<sup>6</sup> “‘A Casa do Cachorro Preto’ consiste em um espaço localizado em Olinda-PE, destinado a criação e experimentação artísticas de todas as esferas: música, ilustração, pintura, escultura, animação, áudio, vídeo. O espaço serve como atelier para artistas e ‘curiosos’ diariamente e em diversas datas abre suas portas para exposições, festas, eventos” (A CASA DO CACHORRO PRETO, 2016).

<sup>7</sup> Dani Brilhante era uma das organizadoras da oficina Elefante Brilhante, que produziam filmes bastante artesanais e despreocupados com a técnica e a forma (BUCCINI, 2016).

coisa assim: de fazer com pouco recurso. A gente não tinha equipamento bom [...], era uma câmera ‘peba’<sup>8</sup>, um tripé ‘peba’. Não tinha planejamento nenhum, não tinha compromisso com o produto que saía. Era para os meninos descobrirem [... que] com uma câmera, um tripé e isso aqui, você faz animação. [...] Sendo bem sincera, a gente não tinha tanta bagagem assim, a gente meio que foi aprendendo ao longo do Cine SESI (RENATA CLAUS, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/09/2015).

Como explica Maurício, nos primeiros anos os resultados eram filmes que não possuíam propriamente uma narrativa. Eram mais experimentos de diversas técnicas misturadas. “O que vinha sendo feitos de oficinas era muito para filmes experimentais demais. Então era muito [...] junção de técnicas, junção de experimentos de técnicas do que um filme mesmo” (MAURÍCIO NUNES, em entrevista concedida ao autor, Recife, 22/04/2015).

Mas estes filmes ‘experimentais’ e puramente baseados em técnicas diversas de *stop motion* não interessavam à Aliança. Eles queriam um produto mais bem acabado, para ser exibido durante as sessões do Cine SESI.

A Aliança foi ficando mais exigente [...], insatisfeita com os produtos e queria que os filmes fossem [...], assim, uma coisa meio publicitária deles. [Iniciou-se] uma cobrança de qualidade publicitária. [...] Eles queriam que os filmes fossem bonitos, para circular e tal (RENATA CLAUS, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/09/2015).

Foi o próprio Cine SESI, o próprio SESI, o pessoal que criou, da Aliança, que quis ter esse conteúdo, que quis ter esse produto um pouco mais apresentável. Antes era mais uma aula que a gente fazia [...] um filminho [...]. E aí, depois virou essa preocupação com o produto. Que de certa forma é boa e ruim. Porque é bom esse propósito de criar o filme, mas ao mesmo tempo você não tem mais tanta liberdade para experimentar muito. Não tem muito tempo. E você tem que fazer um filme legal. Mas o lado bom é que eu tive que pensar mais em como a gente ia contar uma história. Então foi muito mais sobre o cinema *stop motion* e não só a técnica. Então, como você vai contar uma história em dois minutos? Como vai ser a ligação com a estética do filme, porque vai ter que ter uma estética (NARA NORMANDE, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/06/2015).

Para se obter uma boa qualidade em um produto produzido por alunos inexperientes durante uma oficina que dura apenas uma semana eram necessárias várias mudanças. A primeira delas era a contratação de um coordenador/produtor. “A gente não tinha produtor, a gente viajava com um motorista. Chegava na cidade, tinha de achar hotel,

<sup>8</sup> Expressão coloquial muito usada em Pernambuco para representar algo ruim, sem valor, velho ou que não serve.

[...] a gente ‘se virava nos 30’. Comprava os materiais, não sei o que” (RENATA CLAUS, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/09/2015).

Enzo Giaquinto chegou em 2011 como coordenador. Um cara que veio do Giramundo<sup>9</sup> para cá [...]. Ele tinha esse contato com Lina Rosa, ele dava oficina com o SESI, mas era durante o SESI Bonecos. O Cine SESI deu um *boom* quando ele veio. É uma terceira pessoa para discutir, porque a gente viajava, eram os professores com um motorista de carro. O motorista era só para fazer a frente de vai ali comprar um negócio, deixa agente aqui e ali. E agora ele é o motorista, e o coordenador, e ele é animador, e ele é fotógrafo. [...] Ele vai em todas as viagens (MAURÍCIO NUNES, em entrevista concedida ao autor, Recife, 22/04/2015).

Sai do Giramundo em 2010 e em 2011 me mudei para o Recife, meio na loucura mesmo, sem emprego, [...] mas aí, depois de alguns meses em solo pernambucano recebi o convite para ser coordenador de oficinas do projeto Cine SESI cultural. [...] Oficialmente sou o coordenador, mas essa função também inclui toda a produção da oficina em si (pré, pós, contato com prefeituras, divulgação, seleção de participantes, transporte, hospedagem, logística etc.). Além disso, sou o responsável pela fotografia e a produção dos filmes em si. (GIAQUINTO, Enzo, entrevista realizada por e-mail, 27/04/2017).

Foi muito interessante a entrada de Enzo porque ele já trabalhava com os bonecos e o pessoal da Aliança estava querendo essa coisa mais de produto, sabe? E aí, eles decidiram coloca-lo como produtor-coordenador [...]. E se precisar a gente entra em contato com ele, ele sugere ideias e tal. E com a entrada dele decidimos criar um produto, agregar equipamento. Aí veio computador, câmera boa, luz, sabe? Enzo é fotógrafo também [...]. A entrada dele foi um marco, a gente aprendeu bastante e foi ótimo que a gente se forçou a fazer uma coisa que a gente não estava acostumado, já que antes era mais livre. E ele também, com a experiência dele que era bem legal, importante (NARA NORMANDE, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/06/2015).

A aquisição de bons equipamentos era uma demanda antiga, mas que só se tornou realidade anos depois, com a exigência por parte da Aliança de se ter filmes visualmente bem feitos. “‘Se vocês querem qualidade, vão ter de investir’, comprar câmera, tripé, computador, Dragon<sup>10</sup>” (RENATA CLAUS, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/09/2015). Renata completa dizendo que bons equipamentos em uma oficina dada em locais que muitas vezes não tem uma estrutura ou condições de investir neste tipo de aparelhamento muitas vezes pode causar uma impressão errada:

O que eu acho é que teve prós e contras, as coisas ruins [...] eram justamente isso, [...] os meninos acharem que só dá para pra fazer [animação] com material caro e tal, com equipamentos bons. Tirou aquela coisa de passar para eles [a

<sup>9</sup> O Giramundo é um grupo de teatro de bonecos de Minas Gerais criado em 1970 (GIRAMUNDO, 2017).

<sup>10</sup> ‘Dragon Frame’, um dos principais programas de realização de filmes em *stop motion*.

---

ideia de] que dá para fazer [um filme] com muito pouco (RENATA CLAUS, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/09/2015).

Com o tempo, os próprios instrutores foram se aperfeiçoando, aprendendo, e os filmes foram melhorando. Mas, mesmo com bons equipamentos e um produtor experiente, uma questão fundamental para a continuidade de uma alta qualidade dos filmes era a escolha dos participantes da oficina. Quanto mais repertório sobre cinema e artes visuais os alunos tivessem, melhor seria o resultado. Então os monitores pediram a Aliança que colocasse a idade mínima de 16 anos e que desse prioridade a pessoas já envolvidas com arte. Inclusive, o produtor Enzo Giaquinto, geralmente, vai uma semana antes para as cidades com o intuito de organizar desde a hospedagem, até o local da oficina, materiais e também fazer uma seleção prévia dos participantes.

Se a gente chega em tal nível [e] a próxima [oficina] a gente desce o nível, para eles [da Aliança] é ruim. O que a gente sempre põe: [...] ‘isso é um diálogo’ [...] e o diálogo precisa que as duas [partes] estejam num nível [...] alto para que o negócio dê certo. A gente [instrutores] vai no mesmo nível sempre. Quer dizer, sempre tenta ir melhorando. Mas a turma muda, aí mudou a turma mudou tudo. [...] Tem um [filme] que a gente fez agora em Cabaceiras, que, na turma, o mais velho tinha 15 anos. A idade mínima que a gente vem pedindo é 16. A gente quer trabalhar somente com professores da rede pública de artes e tal, porque dá para animar. Com criança vira entretenimento infantil, aula de ‘mela mão’ (MAURÍCIO NUNES, em entrevista concedida ao autor, Recife, 22/04/2015).

Teve essa coisa de ‘não vamos botar para criança’. [...] A gente aproveita [para] botar professor que aprende [...] e pode repassar para cidade de forma em geral, [...] nas aulas dele. [...] A gente achava que poderia rolar a coisa da multiplicação [do conhecimento], do multiplicador. E começou a pedir que [...] dessem uma atenção maior às pessoas que se inscreviam, porque a gente notava muito que era em função da turma que a gente pegava. Se tivesse um ponto de cultura, se tivesse um grupo de teatro, [...] alguém de certa forma já envolvido com arte melhorava bastante (RENATA CLAUS, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/09/2015).

Mas nem todas as oficinas ofereciam participantes com experiência e bagagem artística. O perfil do público sempre foi muito variado de um lugar para o outro, como conta Nara Normande: “Depende do lugar, a gente pega gente muito pobre às vezes. Da gente ter dado aula embaixo de um negócio de igreja até lugares como Minas [Gerais] com um auditório impecável, com alunos que faziam mestrado e tal” (NARA NORMANDE, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/06/2015).

A exigência por uma excelência no acabamento, na técnica e no conteúdo dos filmes acaba por trazer uma nova questão: o papel dos instrutores. “Eu acho muito importante

gerar produtos quando isso não quebra o processo, sabe? Por exemplo, se o Cine SESI tivesse mais tempo seria ótimo. A gente podia passar uma semana só testando para depois ir fazer o filme” (NARA NORMANDE, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/06/2015). Assim, a consequência da demanda por um filme de alta qualidade, com um tempo de realização tão curto, fez com que os instrutores, cada vez mais, tivessem que interferir na obra. A começar pelo conceito, a ideia inicial e a história a ser contada.

Eles [os alunos] jogam várias ideias, né? E aí se for por eles, eles querem botar trinta ideias juntas. Então a gente vai cortando. Tem vezes que eles conseguem desenvolver super bem e tem vezes que não. A gente pega as ideias deles e junta e sugere se não ficaria legal. Então tem esse processo porque se não tivesse a gente não ia conseguir fazer tudo isso. Se a gente tivesse mais tempo para criar a história talvez fosse algo mais deles (NARA NORMANDE, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/06/2015).

[No começo] Tinha a obrigação de que a ideia e todo o processo fossem deles integralmente, a gente não interferia. E com essa cobrança, a gente foi interferindo até o ponto de ter lugares que o conceito foi praticamente a gente. [...] Sempre com a sensibilidade de tentar ver o que ele [aluno] não está vendo, ‘eu venho para o teu lugar aqui, você tem essa história bacana mas você não tá atento a ela’. E a gente está atento a ela, e a gente tenta puxar isso. E aí tem um jogo de convencer você que essa ideia é sua. ‘Você está pensando isso, você só não me disse’. Algumas vezes a gente fica tentando se censurar para não ‘ir’ tanto, mas tem cidades que se a gente não ‘for’, não tem filme (MAURÍCIO NUNES, em entrevista concedida ao autor, Recife, 22/04/2015).

Além de guiar e as vezes ‘impor’ uma ideia narrativa, os oficinairos também tiveram diversas vezes que assumir a parte prática. Não só na função de orientar, mas de modelar, animar, enquadrar etc. “Então a gente acaba dirigindo um pouco as cenas, sabe? Eles tão animando ali, mas a gente guia. E esse enquadramento? Aí a gente tenta botar eles pra enquadrar, mas sempre dá uma ajeitada” (NARA NORMANDE, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/06/2015).

A gente começou a meter mais a mão. De chegar ao ponto de a gente animar cena, modelar boneco. Dependendo da turma, se ela conseguisse fazer ‘massa’, se não conseguisse a gente tinha de meter a mão porque tinha de sair! E isso eu acho muito ruim! Pois era uma chance deles experimentarem, porque é um negocio feito para eles! (RENATA CLAUS, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/09/2015).

Tem filme do Cine SESI que o filme é bom com uma turma 'ridícula'. Porque a gente se sentiu a vontade para interferir e criar. Então o filme é muito mais nosso do que dos alunos. Os alunos foram muito mais participantes mesmo. Modela, faz, mexe. A gente dirige o processo fino (MAURÍCIO NUNES, em entrevista concedida ao autor, Recife, 22/04/2015).

### Metodologia das oficinas

A metodologia de ensino nas oficinas do Cine SESI mudou muito do início até hoje. No começo a intenção maior era que os alunos experimentassem a técnica pura, sem preocupações com conceito, com o visual, com a narrativa e a linguagem. Mas com a exigência de se ter um produto bem acabado, com uma narrativa etc. em um espaço de tempo de uma semana, o método de ensino foi mudando.

Nos primeiros anos os instrutores passavam um ou dois dias com uma parte de fundamentação teórica, história da animação. Falava-se dos primeiros brinquedos ópticos, de Walt Disney, de questões técnicas, como *frame rate*, etc. Mas com o tempo, essa parte histórica foi cortada e a parte de fundamentos da animação, como por exemplo os princípios da animação de Disney, foram incorporado à parte prática. “A gente vai animar um plano agora, aí fala de aceleração e desaceleração, à medida que vai fazendo. [...] Mas termina que a gente não consegue aprofundar muito, no máximo ‘antecipação’ ‘e aceleração’<sup>11</sup>” (RENATA CLAUS, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/09/2015).

Assim, preferiu-se aprofundar menos em teoria e conceitos e focar mais em referências. Desta forma, o primeiro dia é basicamente dedicado a exibição de filmes experimentais e que possam servir de base para a produção da oficina. Com o intuito de deixar mais direta as aulas, ao invés de focar em várias possibilidades do *stop motion*, escolhe-se uma técnica e tenta se aprofundar nela. “Conseguimos chegar em um meio termo que é fazer um filme bonitinho e também conseguir ensinar para os meninos [...]. A gente fica em [...] uma técnica. Mas é bom, porque você ensina melhor aquela técnica” (PAULO LEONARDO FIALHO, em entrevista concedida ao autor, Aldeia, 27/08/2015).

[Nas primeiras oficinas,] a gente mostrava para os meninos várias técnicas: pode fazer com massinha, pode fazer com *pixilation*<sup>12</sup>, papel. E aí os filmes ficavam com essa cara ‘franksteinzinho’ [...]. E aí a gente foi tendo essa coisa de ‘vamos pensar mais na cara do filme, na arte, vamos escolher uma técnica e tal’. [Agora] quando tem mistura de técnica, é intencional (RENATA CLAUS, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/09/2015).

---

<sup>11</sup> Dois dos doze princípios básicos da animação divulgados por Walt Disney.

<sup>12</sup> Animação quadro a quadro com pessoas.

O segundo dia de oficina é dedicado a se pensar na história. A experiência dos ministrantes nesse momento é crucial. Pois, ao elaborar uma narrativa, é fundamental que se tenha noção da complexidade da cena, de como simplificar uma ação sem que se prejudique a qualidade final do filme. “Uma das coisas que a gente tenta fazer é simplificar ao máximo, não ir para ideias mirabolantes, de movimentos complexos. Deixar o mais simples possível para tentar fazer direito” (RENATA CLAUS, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/09/2015).

Hoje em dia muita coisa que eu aprendo eu coloco na aula sem ficar achando que eles [os alunos] não vão entender. E tento analisar as coisas de uma maneira mais profunda em questão de história mesmo, do que era simples e técnico. Aquela coisa que a gente era no começo. Por que [...] você tá contando essa história? Isso é um meio de expressão! (NARA NORMANDE, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/06/2015).

Realiza-se então um *brainstorm* para selecionar um tema e desenvolver a história. De preferência, um tema relacionado à cidade.

Durante muito tempo foi muita lenda [...]. Começou a ficar bem repetitivo, tinha a mesma lenda em 3 ou 4 cidades [diferentes]. [...] A gente resolveu tentar ir para outras coisas: se tem uma personalidade, um poeta, um escritor, um senhor ou uma senhora, um artesão. Buscava tentar pegar alguma coisas da cidade. Até hoje eu acho que é o nosso ponto mais fraco, o roteiro. [...] Todo primeiro dia de aula eu fico: ‘será que vai rolar, será que não vai?’. Porque, se aparecer uma ideia boa, massa! Mas se não aparecer, vai ter de fazer do mesmo jeito (RENATA CLAUS, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/09/2015).

Depois de criada a história, passa-se para o *storyboard*. Apesar de que se fala em sala de aula de roteiro cinematográfico, não se faz necessário escrever um roteiro. Em seguida, os alunos são divididos em equipes, os que irão fazer os bonecos e os que vão fazer os cenários.

Quando já se tem material suficiente para se abrir um *set*, já começa a filmagem. Durante muito tempo a equipe só contava com material para abrir um *set* de filmagem, agora já contam com dois *sets*. O que ajuda muito a cumprir o prazo de uma semana. A parte de animação é a que toma mais tempo, cerca de 2 dias, e conta com a participação de todos os alunos. “Eu começo o plano e eles continuam. Reveza os alunos, todos passam pelo ‘Dragon’ e pela animação” (RENATA CLAUS, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/09/2015).

As partes de pós-produção, edição e sonorização geralmente são feitas depois da oficina encerrada pelos ministrantes e pelo produtor. Os alunos só vão conhecer o resultado final no dia da exibição em praça pública.

### **Os resultados**

A qualidade dos filmes realizados nas oficinas do Cine SESI é indubitável. “A gente chegou em um nível que dá para parecer que é um filme ‘a sério’, apesar de ser [de] oficina” (MAURÍCIO NUNES, em entrevista concedida ao autor, Recife, 22/04/2015). Com organização, experiência e dedicação os instrutores conseguiram atingir um nível bastante alto para filmes feitos em oficina com tão pouco tempo de produção. “Para filme de oficina tem uns que até [me] surpreendo. [Feitos] em uma semana” (RENATA CLAUS, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/09/2015).

Segundo os ministrantes das oficinas do Cine SESI, o objetivo com as oficinas de animação é de criar um produto que dê visibilidade ao projeto e que produza uma conexão com os espectadores das cidades, que as pessoas se sintam representadas nas exposições, mais do que realmente uma função de formar animadores. Este seria um objetivo secundário, que eventualmente acontece.

Segundo os instrutores, focar no produto e não no ensino não desmerece as oficinas do Cine SESI. Existem outros benefícios além de formar profissionais. “Eu acho muito importante ter esse produto porque as pessoas veem. Eles usam para se promover, eles se reúnem para assistir ao filme, o produto, né? Então isso para eles é super importante, se identificarem” (NARA NORMANDE, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/06/2015). “É uma experiência interessante para os meninos porque eu acho que o que é estimulante é você fazer o negócio e ver passando grandão. Aí depois passa na cidade e o pessoal fica tudo empolgado” (PAULO LEONARDO FIALHO, em entrevista concedida ao autor, Aldeia, 27/08/2015).

Segundo Enzo Giaquinto o objetivo principal não é necessariamente de uma formação profissional, é mais:

Oferecer uma vivência coletiva de seis dias na produção de um curta de animação *stop motion*, desde sua concepção até a finalização. A meu ver, essa vivência é o cerne das oficinas, é para o que elas se prestam, mas essa vivência

cria-se pela necessidade de produzir um filme de animação com a técnica do *stop motion* cuja temática permeie aspectos da cidade onde a oficina é realizada. Essas são as exigências do projeto cinesi cultural em relação às oficinas. Toda a estrutura didática e organizacional da oficina foi elaborada e é constantemente revisada para criar esse espaço de vivência aos participantes (GIAQUINTO, Enzo, entrevista realizada por e-mail, 27/04/2017).

Assim como as oficinas de Lula Gonzaga, que acontecem em quilombos, aldeias indígenas, acampamento dos Sem Terra, etc., as oficinas do Cine SESI possuem mais uma função social do que propriamente de formação profissional.

Eu não sei bem qual o objetivo dele não, mas eu vejo muito como um projeto de circulação de filmes. Nas cidades. E essa é uma maneira de fazer aquelas cidades se sentirem representadas ali. De fazer com que as pessoas se envolvam com aquilo, sabe? É difícil de falar qual o interesse, mas acho que tem um interesse social sim. Mas foi legal que a gente pegou isso e leva isso, e faz eles se expressarem (NARA NORMANDE, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/06/2015).

Oficinas de pouca duração como as do Cine SESI não oferecem condições para um aprofundamento maior na prática da animação. A começa pelo perfil dos alunos, muito diversificado e na maioria das vezes sem afinidade com a área. O tipo de oficina, mais experimental, também não colabora para que exista um aprofundamento técnica mais ‘profissional’. E por último, a maior parte das localidades visitadas pelas oficinas não possuem o material necessário para que posteriormente os alunos possam realizar filmes com boa qualidade. Mas mesmo assim, existem exemplos, nestes oito anos de projeto, de que uma pequena semente plantada pode render frutos.

Tem poucos [alunos] que eu acho que vão ser animadores pelo resto da vida. [...] A gente acha massa quando tem um pessoal que dá continuidade. Tem um pessoal daqui de Tabira, [do filme *Fim de feira* (2015)], passou no Festcine e ganhou prêmio. [...] O dinheiro está em minha conta, mas a ideia é comprar uns livros, câmera e tripé [...]. Eles [os alunos] eram todos alunos de uma escola de referencia do estado. Aí tipo, comprar o material e mandar lá para escola (FIALHO, Paulo Leonardo, 2015 - entrevista)<sup>13</sup>.

Os filmes do projeto também tiveram importantes participações em Festivais de cinema. Alguns participaram do Anima Mundi, na mostra futuro animador; no Brasil Stop Motion; o já citado prêmio no Festcine; além da participação de um dos filmes no Black Movie Film Festival’s em Genebra na Suíça.

<sup>13</sup> Esta doação foi realizada no ano de 2016.

O projeto também teve uma importância muito grande na carreira profissional de todos os envolvidos, especialmente dos cinco membros principais (Nara, Paulo, Maurício, Renata e Enzo). Antes de mais nada, segundo Paulo, o Cine SESI foi responsável por manter o grupo de estudos unido. “Se não fosse o Cine SESI acho que [o grupo] tinha se dissipado” (PAULO LEONARDO FIALHO, em entrevista concedida ao autor, Aldeia, 27/08/2015).

Se o grupo estaria trabalhando junto ou não se não fosse pelas oficinas do Cine SESI, não se pode dizer. Mas, com certeza, foi fundamental na questão financeira. Afinal, dedicar-se profissionalmente a uma área como animação não é fácil, especialmente em um estado como Pernambuco, em que não existia uma produção contínua e rentável. As oficinas do Cine SESI foram fundamentais para que estes profissionais se mantivessem trabalhando exclusivamente com animação e tocando projetos pessoais em paralelo.

Nara Normande, por exemplo, foi a primeira vez ministrar uma oficina do Cine SESI para conseguir recursos extra para a realização do seu curta *O Dia Estrelado*. Renata Claus conseguiu deixar o trabalho em um escritório de arquitetura para se dedicar a produção autoral de animação. “Até hoje é o que conseguiu me manter no cinema. [...] Basicamente foi o Cine SESI que segurou todo mundo” (RENATA CLAUS, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/09/2015). “O Cine SESI é o projeto que basicamente mantém o ano. É minha renda segura. Eu trabalho duas semanas e tiro dois meses de sustento. É o que tem rendido eu ficar pelo Ex-Mágico<sup>14</sup> agora” (MAURÍCIO NUNES, em entrevista concedida ao autor, Recife, 22/04/2015).

Não só financeiramente o Cine SESI foi importante para os participantes. “Além da importância do salário a gente aprendeu bastante” (PAULO LEONARDO FIALHO, em entrevista concedida ao autor, Aldeia, 27/08/2015). As oficinas possibilitaram o desenvolvimento artístico da equipe, permitindo experimentações e amadurecimento em termos técnicos, conceituais e processuais. “Foi uma escola para a gente, na minha opinião foi importantíssimo, está sendo ainda” (RENATA CLAUS, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/09/2015).

---

<sup>14</sup> Animação 2D, que Maurício co-dirigiu com Olímpio Costa, lançada em 2016.

Quando me pedem filmes que eu fiz, eu tenho poucos, mas eu já experimentei tanto. [...] O meu conhecimento técnico, uma boa parte, é do Cine SESI. O Cine SESI foi o lugar que eu experimentei areia, *stop motion*, película. A gente fez um que era inspirado no trampo de Mia Matreiek, [...] em uma semana a gente conseguiu fazer um filme inspirado naquilo ali, um retroprojeto, um data show, um pano grandão, animação de papel com pessoas e 2D sendo projetado no pano lá (MAURÍCIO NUNES, em entrevista concedida ao autor, Recife, 22/04/2015).

O Cine SESI tem uma coisa muito legal que é... Tipo, eu e o Maurício a gente já tava querendo fazer alguma coisa com *light painting*. Ai chegou alguém com uma ideia de roteiro dizendo que chegava uma luz na cidade que todos viam e aí a gente mostrou para eles essa técnica do *light painting* e eles piraram. E aí, a gente fez um filme inteiro em *light painting*, então tem essas vantagens de a gente poder experimentar as coisas (NARA NORMANDE, em entrevista concedida ao autor, Recife, 17/06/2015).

Hoje em dia a gente tem um *know how* de em uma semana produzir um filme. É uma coisa que a gente em tentado trazer para a gente. Uma coisa que Paulo [Leonardo Fialho] tem desde sempre e a gente tentou ‘beber muito nele’. [...] O desprendimento com algumas partes técnicas em prol de alguma coisa que seja conceitual, para se fazer um filme em uma semana (MAURÍCIO NUNES, em entrevista concedida ao autor, Recife, 22/04/2015).

### Considerações

Uma iniciativa como as oficinas do Cine SESI são fundamentais para conseguir criar um cenário positivo para produções autorais, no caso de obra audiovisuais de animação. Além de fornecer uma formação inicial para jovens e profissionais que trabalham com arte em cidades do interior que raramente tem a chance de ter ações como essa em sua localidade.

As Oficinas do Cine SESI também se tornam uma fonte segura de rendimento para um grupo de jovens profissionais de animação em Pernambuco. Com este recurso garantido, estes animadores podem se dedicar a seus projetos autorais com uma certa tranquilidade, não precisando, por exemplo, se envolver em trabalhos para publicidade. Isto sem contar com a experiência e a bagagem prática que eles vem acumulando estes anos todos.

Por último, o Cine SESI está deixando como herança para a filmografia pernambucana diversos filmes que colaboram quantitativamente com o aumento do montante de animações que são realizadas a cada ano e, obviamente, mesmo sendo filmes ‘de oficina’, com todas as limitações e conotações que este termo carrega, vêm conseguindo espaços todos os anos em importantes festivais, especialmente no Anima Mundi, na

categoria não competitiva de Futuro Animador. Ações como as oficinas do Cine SESI deveriam ser mais estimuladas e mais comuns para que os benefícios e os frutos pudessem ser multiplicados.

Como dito na introdução, este texto é apenas uma apresentação do projeto e um pouco de sua história. A nossa intenção é aprofundar mais esta pesquisa em textos futuros que possam abordar de forma mais completa e conclusiva assuntos acerca do Cine SESI, como o processo criativo, a metodologia de ensino, a análise dos filmes etc.

### Referências bibliográficas

- A CASA DO CACHORRO PRETO. **Sobre | A Casa do Cachorro Preto**. 2016. Disponível em: <https://acasadocachorropreto.wordpress.com/about/>. Acesso em: 24 de mar. de 2016.
- BUCCINI, Marcos. **Trajetória do cinema de animação em Pernambuco**. 2016. 367 f. Tese (Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- CINE SESI CULTURAL. **CINESESI – Project**. 2015a. Disponível em: <http://www.cinesesi.com.br/projeto>. Acesso em: 21 de out. de 2015.
- \_\_\_\_\_. **CINE SESI – Oficinas**. 2015b. Disponível em: <http://www.cinesesi.com.br/oficinas>. Acesso em: 21 de out. de 2015.
- GIRAMUNDO. **Apresentação**. 2017. Disponível em: <http://www.giramundo.org/grupo/apresentacao/>. Acesso em 01 de maio de 2017.
- PORTAL DA INDÚSTRIA. **O que é o SESI – Institucional**, 2015. Disponível em: <http://www.portaldaindustria.com.br/sesi/institucional/2015/05/1,1789/o-que-e-o-sesi.html>. Acesso em: 20 de out. de 2015.
- SESI. **Fito**. 2017a. Disponível em: [http://www.pe.sesi.org.br/produtos\\_servicos/Paginas/fito.aspx](http://www.pe.sesi.org.br/produtos_servicos/Paginas/fito.aspx). Acesso em: 01 de maio de 2017.
- \_\_\_\_\_. **Sesi Bonecos**. 2017b. Disponível em: [http://www.pe.sesi.org.br/produtos\\_servicos/Paginas/sesi-bonecos.aspx](http://www.pe.sesi.org.br/produtos_servicos/Paginas/sesi-bonecos.aspx). Acesso em: 01 de maio de 2017.